

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



1916

Assinatura para Portugal,
colônias portuguesas
e Espanha: **Trimestre 1\$20** etc
Semestre 2\$40 ..
Ano 4\$80 ..
Número avulso, **10 centavos**

II Série — N.º 514

Lisboa, 27 de Dezembro de 1915

Edição semanal do jornal O SECULO

• Redacção, administração e oficinas: Rua do Seculo, 43 •

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Rifle de Repetição Calibre.44 Ac- ção Corredição

REMINGTON
UMC



Permite onze tiros, com a vagareza ou rapidez que se deseje. A mão na peça carregada governa a acção de ejacular pelo lado, e recarregar com cada movimento para trás e para deante. Geitoso e rapido no campo.

A construção de deposito solido, e cão invisível REMINGTON-UMC protegem todas as partes que trabalham, também protegem o atirador.

Desarma-se facilmente como a conhecida repetidora REMINGTON-UMC calibre .22. Limpa-se pelo deposito.

Acham-se á venda nas principais casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil No Territorio do Amazonas
LEE & VILLELA OTTO KUHLER
Caixa Postal 420, São Paulo Caixa Postal 20 A,
Caixa Postal 183, Rio de Janeiro Manaus

Agente em Portugal: G. Hettor-Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.



O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME

Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpentigny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos

que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.

Lêr na quinta-feira proxima o

Seculo Comico

Preço 1 centavo

Grande marca franceza



CRÈME SIMON

PARA

conservar ou dar
ao rosto
FRESCURA
MACIEZA
MOCIDADE.

Para proteger a epiderme contra as influencias perniciosas da atmosphera, é indispensavel adoptar para a toilette diaria o CRÈME SIMON.

Os PÓS de Arroz SIMON e o SABONETE Crème Simon, preparados com glicerina, a sua acção benefica é tão evidente que não ha ninguém que o use uma vez que não reconheça as suas grandes virtudes.

MÉDAILLE D'OR, Paris 1900

J. SIMON, 59, rue du faubourg Saint-Martin PARIS 10°

PHARMACIAS, PERFUMERIAS
e lojas de Cabelleiros.

Desconfiar das Imitações.

HEMORRHOIDAS -- ECZEMA

Doenças de Pelle

UNGUENTO FOSTER

Remedio soberano contra: hemorrhoidas; eczema; herpes; impingens; comichão; manchas vermelhas na cara; urticaria; crostas de humores; erupções; picaduras de insectos; borbulhas e tumores furunculosos; frieiras; gretas; varicela globulosa; impetigo; ascarides ou pequenos vermes que apparecem no anus das creanças; e outras affecções da pelle.

O Unguento Foster encontra-se á venda em todas as farmacias e drogarias, a 800 Rs. cada boião; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & Co, Succes.,
Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

REMEDIO FRANCES



Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT,
25, rua dos Sapateiros, LISBOA. Franco de porte com rando 2 Frascos.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

CRONICA

N.º 514

27-12-1915

A Grécia

A Grécia, privada de Venizellos, enrodilhada n'uma política indecisa, vê, lentamente, apertar-se em torno de si um circulo de ferro e de fogo. Com receio dos austro-alemães não ajudou a Servia; com o pavor dos aliados facultou-lhes Salonica, todo o territorio da Calcidica, a linha ferrea até Strumitza. Sempre

suspirando de alivio a custa de concessões a uns e a outros, a Grécia incorre hoje na antipatia de todos os beligerantes e como se desse o caso de fugir da guerra, irá a guerra ter com ela. Coisa singular

lar n'este prelio todo cheio de modernidade: alemães, francezes, austriacos, inglezes e bulgaros vão bater-se n'um territorio expressamente emprestado para esse fim. Salonica será, em breve, investida perante os helenos embasbacados e neutraes. Que pensam do caso os seus habitantes, tratados com tanta *sans-façon*? Pensam, sem duvida, que os grandes da terra reservam para si a parte mais confortavel e que tendo arranjado as coisas para um quieto socego nas suas casas, vão bater-se, como sempre tem feito até aqui,—na casa dos outros!

A exposição de pintura

A Sociedade Nacional de Belas-Artes inaugurou recentemente a sua segunda exoosição. Entre dezenas de quadros avultam, com brilho, as aguarelas de Roque Gameiro, de uma tal fluidez, de tonalidades a um tempo tão bruscas e tão verdadeiras —que fazem d'ele um mestre quasi inimitavel; o grande artista da aguarela historica, é simplesmente inexcédível na sua *rua de Alfama*. Alves de Sá, de

um colorido não menos vigoroso, tem uma tecnica soberba, dir-se-ja que o seu pincel dia a dia se aperfeçoa e se notabilisa. João Vaz, uma reputação feita, sempre delicioso no detalhe, *un criard de verité*, como dizia Saint-Victor. Alberto de Sousa, minucioso, perfeito, apresenta uma miniatura finamente tratada. A exposição é, na

verdade, esplendida; um traço vibrante de luz e de cor que parecem ser os caracteristicos da moderna aguarela. Leveza, transparencia, vida; uma arte muito moderna e muito decidida, talvez tão bela e tão cheia de nobreza como a grande e vasta pintura dos museus.

O frio

Dezembro trouxe o frio e as suas elegancias. Já aparecem aqui, e além, as *ulsters* de banqueiro ou de príncipe. As damas espreitam timidamente atravez de arminhos e de martas. A *chaufferette* nikelada repousa nas almofadas dos automoveis;

mas o prazer do *coin du feu* só muito raramente se vê n'estas nossas casas tão desconfortaveis e tão desabrigadas. Lisboa não é uma cidade preparada



para o frio, para as elegancias do frio. Faltam-lhe a *Serpentine-river*, os lagos do bosque de Bolonha, a *Charlottenbach*. Falta-lhe, sobretudo, a neve que cobre com uma fina geada os homens e as coisas, dando-lhes limpidez e transparencia, um vago tom plumbeo do mais alto *chic*. Infelizmente o frio, em Lisboa, não atae para o *home*, para a vida caseira. Lisboa vem para a rua porque nos quartos gela. E assim, cidade do frio, não tem, todavia, os encantos que o frio dá. Onde estão as tardes cinzentas passadas ao canto do fogão emquanto lá fóra se tiritava? Onde ha, em Lisboa, os *runks* de toda a boa *ménagere* do Canadá, a lareira familiar das velhas terras da Escossia? Não ha.

De todos os remedios para aquecer Lisboa só conhece um: —a ginginha.

Ano velho, ano novo...

Quando se chega a uma certa idade, cada ano que termina traz-nos ao espirito uma vaga inquietação. Mais um!... E quando pela vida fóra se tem passado quasi inutil, sem nada ter feito de mal, sem nada ter feito de bem, invade-nos uma bizarra sensação de tristeza e de desalento. Realmente, a vida, ou é bem curta ou bem comprida. D'aqui a quatro dias faremos todos o nosso *reveillon*; vamos todos acabar um ano que foi mau, no desejo de um que desconhecemos. Aperta-se-me o coração sempre, n'essa geada noite de S. Silvestre, quando me sento á mesa da ceia, deante

dos queridos da minha vida. Mais um ano passou!... Cavou-se mais uma ruga, nasceram mais cabelos brancos e debalde procuro o coração dos vinte anos. Outros Nataes passaram sobre eles, sempre frios, sempre cheios da poesia de um Menino que ha dois mil anos veio salvar os homens. Esses, decorrendo impassiveis, levam, a pouco e pouco, a nossa esperança e a nossa mocidade. E constantemente, n'essa limpida noite de S. Silvestre, vejo o caminho já percorrido, sonho no caminho a trilhar ainda e para todo o passado que não volta mais, para todo o futuro que não conheço, — acho apenas uma lagrima de saudade de desilusão...



MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo)



NA noite escura picada pelo fulgor longiuquo de vagas estrelas, que ardiam, cintilavam no alto, eu e Rodrigo erravamos indolentemente através as ruas quase desertas da cidade que, a essa hora já avançada, cambaleava de sonolência e bocejava o seu tédio forte. Os candieiros da iluminação publica, que a espaços se erguiam funebremente como tochas de enterro, projetavam sobre a calçada tremulas manchas de luz ondulando no fio do vento; e só de longe a longe uma claridade palida se filtrava por entre as vidraças corridas d'alguma vivenda onde se seroava ainda, nas intimidades do convívio familiar.

— Nada mais triste do que um populoso burgo em certos instantes noturnos! — exclamou Rodrigo, para interromper a monotonia da nossa mudez. Do silencio, da treva, da confusão dos aspétos exteriores, do adormecimento que parece invadir as proprias coisas inertes, desprende-se uma funda melancolia que nos penetra até á alma e nos desola. E não sei que especial estado emotivo faz com que apenas recordemos o que na nossa existencia ha de amargo, de desgraçado, de afflitivo!...

— Assim é, com effeito!... — atalhei eu, com a imaginação perdida em outras evocações e sem refletir nas palavras do meu amigo.

— Repara na linha irregular das construções: ha n'ela não sei quê de sinuoso, de aggressivo, de irritante, que nos exacerba até ao desespero. Os predios em que um derradeiro clarão incendeia os vidros das janelas, semelham caveiras sorrindo, desdentadas e toivas, na penumbra. Estas casarias abismadas na solidude constituem cenario magnifico para um conto de Edgar Poe ou de Hoffmann. Nem um riso claro vibrando na pacificação envolvente como a primeira nota idilica d'uma canção de amor, nem uma fugaz palpitacão de vida... E' tudo extatico, parado, morto. E, no emtanto...

Por vezes, silhuetas de vadios ou de pobres esgueiravam-se rentes ás paredes, deslocando-se apressadamente. Raros carros passavam, ao galope de cavalos cançados, n'um grande estrepito de ferragens, deixando entrever de relance brancuras de fôrmas femininas, perfis suaves e sorridentes recortando-se com docura na misteriosa meia tinta da luminosidade das lanternas.

— No emtanto... — disse eu, interrogando Rodrigo.

— No emtanto — reencetou ele, cofiando a barba

negra e cerrada — estas notivagas paizagens citadinas são maravilhosamente sugestivas para os homens de fantasia e de sensibilidade. Neste momento incerto que vivemos, quantos dramas, quantas tragedias, quantas ternuras, quantos lirismos comovidos, quautas miserias, quantos risos e quantas lagrimas se escondem n'essas moradas que julgamos mergulhadas em quietude e na plexa inconsciencia do sôno! Vou pensando nas infâmias, nas vilezas com que hoje foi comprado o jantar de muitas familias; nas angustias inenarraveis com que os vencidos estarão cogitando no pão que amanhã hão de almoçar; nos crimes com que os egoistas formam o seu bem estar; nas mentiras que n'este minuto supremo maculam a bôca divina das mulheres apaixonadas; nos falazes sonhos amorosos que vão sonhando as virgens adolescentes; nos olhos queimados pelo fogo do pranto; nas illusões caídas sem chegarem a florir; nas dôres ocultas que escolhem a tranquillidade da noite para soltarem o seu grito rouco de socorro — e a flor do sentimento fecha as pétalas no meu peito.

— Na verdade, Rodrigo, eis aí um lucido resumo da atormentada luta numa desvairada e enorme aglomeração humana! — acudi eu. As cidades são como aquele livro fatidico de que fala Ralph Emerson. A mão dos seres conscientes abre-o com sofreguidão, volta uma pagina luminosa e logo uma pagina sombria surge, tenebrosa, enigmatica e terrivel!

— Nas cidades, efetivamente, a sombra e a luz são inseparaveis, andam sempre unidas, simbolizando a alegria e o sofrimento, as fomes e as abundancias, as sedas e os farrapos, as purezas angelicas e as devassidões monstruosas, a lama e o ouro, as ascenções até aos astros e as quedas até aos charcos em que se morre afogado irremediavelmente... O mundo é pavoroso e conhecê-lo em todos os seus espétaculos será uma tortura desfibrante para as almas dotadas de finuras de subtilidade sensitiva.

— Aí estás tu com os teus negros pessimismos! — atalhei eu.

— Efetivamente, não poderás chamar-me «Candido ou o Optimismo!» — respondeu Rodrigo ironicamente.

— De certo, de certo! Mas outr'ora, quando eu subia á tua trapeira para conversarmos durante alguns minutos com o doce espirito de Maine de Biran, tinhas uma concepção mais afavel da vida.

— Que queres? Os anos, a experiencia, os des-

enganos!... E, depois, as virtudes de observação e de análise, que só muito tarde desabrocharam na minha inteligência, secaram-me, estragaram-me, tismaram-me a mocidade do coração...

Marchando, constantemente, ao lado um do outro e sentindo sobre os ombros o peso duma fatalidade a que não poderíamos fugir, tínhamos caído, de novo, na nossa mudez, porque a conversa principiava a fatigar-nos. Rodrigo exilava-se, talvez, para o passado, a relembrar uma jovialidade extinta, a sua confiança dissipada, uma promessa de ventura que o traía: eu reavivava o tempo saboroso e inolvidável em que o havia conhecido, energético, viril, continuamente absorvido em meigas aventuras levado menos pelo ardor, pela impetuosidade dum temperamento volutuo-

sobreexcitava, fazendo-lhe perder o senso da realidade e das conveniências. Nesta intensa tempestade sentimental se queimou, se gastou, sempre perseguindo uma quimera que nunca pôde alcançar. O outono da sua existência vinha encontra-lo descrente.

Imersos nestas divagações, entramos, sem dar por isso, numa ruela envolvida em treva e ermo. Cães vagabundos mergulhavam o focinho nos montes de lixo arrumados aos cantos; gatos de olhos fosforescentes expiavam a calçada.

— Isto é lugubre, lugubre! — bradou Rodrigo.

Aceleramos os passos para sairmos do beco sórdido e sinistro: e, ao dobrarmos a esquina, uma descarnada e hesitante mão, surdindo de dentro um chaile rôto e preto, estendeu-se para nós



so do que pela romântica esperança de encontrar a ditosa mulher em que a sua ternura cristalisasse. Como, porém, nunca a encontrou, dos dias já remotos que tinham fogido apenas lhe restava uma indecifrável saudade que excitava o seu padecimento de homem entrado no entardecer dos quarenta anos. Rodrigo era então culto, apaixonado, irrequieto, lia os moralistas, meditava os poetas líricos e comovia-se fundamentalmente com a música de Schubert. O instinto do amor era nele tão vivo que se na rua, no passeio, n'uma reunião amável, n'uma «soirée», uns olhos femininos e pensativos o fitavam mesmo de fugida, logo a sua ansiedade de carinho, de interesse emotivo, o

e tremeu um momento no ar, ao passo que uma voz debil choramingava:

— Esmola, pelo amor de Deus!

Parámos, desorientados. Rodrigo procurava, nervosamente, no bolso do colete, placas de cobre: a pedinte, respirando numa aflição, conservava a mão estendida, fixando o meu amigo com uns olhos em que dardava um brilho de febre. Quando ele deixou cair nos magros dedos que tremiam o dinheiro, esses dedos fecharam-se avaramente e a mesma voz murmurou com brandura e reconhecimento.

— Então, seja por alma de quem lá tem, sr. Rodrigo.

Perturbado, o meu amigo que dera já algumas passadas para a frente, voltou atrás com surpresa, aproximando-se do vulto desconhecido e inquietando:

— Como sabe o meu nome? Quem é você?

A ponta do chaile com que a mendiga abafava o rosto desceu até ao peito e uma face emagrecida, de mulher ainda nova, apareceu. Na soturnidade da noite, essa pobre face de tísica tinha uma brancura de papel e toda a vitalidade da pedinte ignorada parecia concentrar-se no olhar aceso e penetrante.

— E o sr. Rodrigo não sabe o meu nome? Ora veja se se recorda...

O meu amigo, enquanto eu, comovidamente, contemplava a cena estranha, curvou-se a observar o rosto doente e emaciado que sorria e gritou:

— Pois és tu Maria Rosa? És tu?...

— Sou eu, meu senhor!...

— E como chegaste a esta miséria, a este abandono?

— Os médicos que me tratam por caridade dizem que eu estou tuberculosa... E estou! Olhe que isto está a apagar-se!... Tenho cá por dentro um frio, um frio!...

Rodrigo, apiedado, tirou a carteira, desdobrou uma nota que entregou a Maria Rosa—que queria beijar-lhe as mãos por tanta generosidade—e limpou uma teimosa lagrima que lhe tremia nas palpebras

— Vou ter que comer para uma semana!—soltou ela.

— Mas como foi, como foi?... —gaguejava Rodrigo sem encontrar uma frase consoladora para a penúria que inesperadamente se lhe atravessava no caminho.

— Ora!... Como foi!... —respondeu Maria Rosa.

Rapidamente, enxugando os olhos rasos de água, contou-lhe a sua história. Enquanto teve saúde e beleza, viveu no luxo e na fartura, passando duns amantes de acaso para outros. A sua juventude esplêndida, a sua graça iluminava-a, era apetecida, fora talvez amada um dia. Nunca se preocupou com o futuro.

— Quando se é moça —comentava Maria Rosa— não se pensa no que ha-de vir.

Mas a sua formosura desbotou-se, como uma rosa crestada pelo sol, começou a ser desdenhada e repelida, a fome bateu à sua porta. Foi vendendo alguma rara joia, que representava o preço dos seus beijos, empenhou as roupas, empenhou o próprio mobiliário da sua casa e o leito em que dormia, quando na sua existência de vergonhas, de baixezas, de humilhações, se levantava uma aurora espiritual de repouso e de comiseração: esta decadência fora agravada pela tísica, que a roía interiormente, que lhe dilacerava o pulmão desfeito nos arrancos violentos da tosse. Para se alimentar, como já ninguém a queria, desceu à rua, de noite, esmolando. E ia pendendo para o descanso ambicionado do cova, num cemitério, aquele corpo que fora lindo e perfeito.

— Qualquer dia, porém, não posso levantar-me da enxerga para vir mendigar, e lá morrerei sózinha e esquecida, eu que dei a minha mocidade e a minha beleza aos outros! —concluiu Maria Rosa num sorriso frio e doloroso.

Comovido, Rodrigo apontou na sua carteira a

morada da enferma, despediu-se dela e puxando-me pela manga do casaco, exclamou:

— Vamos!... Anda d'aí!...

Largo tempo deambulamos pelas ruas solitárias sem rearmos o fio da conversa tão dramaticamente cortada. Tínhamos ambos medo de avivarmos emoções que nos sobresaltassem; mas a certa altura, foi-me impossível conter a curiosidade que me espicaçava e murmurei:

— Rodrigo, quem é esta Maria Rosa?

— Uma tuberculosa que, a horas mortas, pede o seu escasso pão à caridade que passa. Não a viste? —respondeu ele de mau humor.

— Mas quem foi antigamente?

Insistiu ainda um instante no seu silêncio; mas, tomando uma resolução decisiva, acrescentou:

— Ah! antigamente... Estou a experimentar um secreto pudor em te revelar o que sei acerca daquela desditosa rapariga. Porquê? Talvez que eu seja também um pouco culpado no seu infortúnio... Contudo, para que hei de eu ter segredos para ti, que és o meu melhor amigo e, certamente, o amigo mais íntimo? Ouve lá...

Acendi um cigarro, enquanto Rodrigo reconstituía as suas velhas e dispersas recordações. A cidade resonava profundamente, numa imobilidade de monstro que faz a sua grosseira digestão.

— Ouve lá então... Maria Rosa foi a Musa da juventude, nos meus tempos de estudante. Não existiu água-furtada onde houvesse livros e um rapaz preparando-se, pelo estudo, para as asperidades da vida futura, que ela não alegrasse com a sua gracilidade, com o encanto da sua ternura, com a maravilhosa poesia do seu corpo de flor humana. Nas nossas ruidosas ceias, quando havia dinheiro, coroávamo-la de rosas à moda grega, pedíamos-lhe a inspiração para os nossos poemas e pedíamos-lhe beijos para a nossa ilusão amorosa. Também passou pelo meu pardiêiro erudito, também nas áridas páginas dos meus livros a sua imagem gentil se iluminou um minuto. Foi celebre entre a boémia da cidade há seis, há dez, há quinze anos; e, por minha parte, não tenho remorsos, porque fui eu, porventura, um dos que melhor a trataram, um dos raros que se compadeceram com a amargura da sua sorte. Perdi-a de vista depois que acabei o meu curso de engenheiro, que não me serve para nada, e que principiei a gastar em viagens, em loucuras, em vãos caprichos, a herança paterna. Julguei que tivesse morrido, e eis que, de súbito, ela reaparece, ainda viva, mas tropeçando na terra solta das sepulturas!

— Que destino! —interrompi.

— E apesar d'isso, queres que eu seja optimista. Não tinha esta infeliz rapariga direito ao seu quinhão de sol e de felicidade?...

Insensivelmente havíamos chegado à casa de Rodrigo. Detivemo-nos. Já com a chave na fechadura, o meu amigo disse:

— Hei de ir ao enterro de Maria Rosa e hei de pôr-lhe um orvalhado ramo de violetas sobre a cova... Ela é mais uma das minhas ilusões que se some!...

Entrando no portal ainda bradou:

— Amigo, na nossa idade, como o amor envelhece e morre!

JOÃO GRAVE.



ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

POR

JORGE AFONSO

Escola portuguesa - Século XVI

(Existente no Museu Regional de Viseu).

A CAMPANHA DE BISSAU

Foi um triunfo para as armas portuguesas a vitória alcançada na África

parte, sendo preciso agora fazer ver aos *grumetes*, almas danadas dos pa-

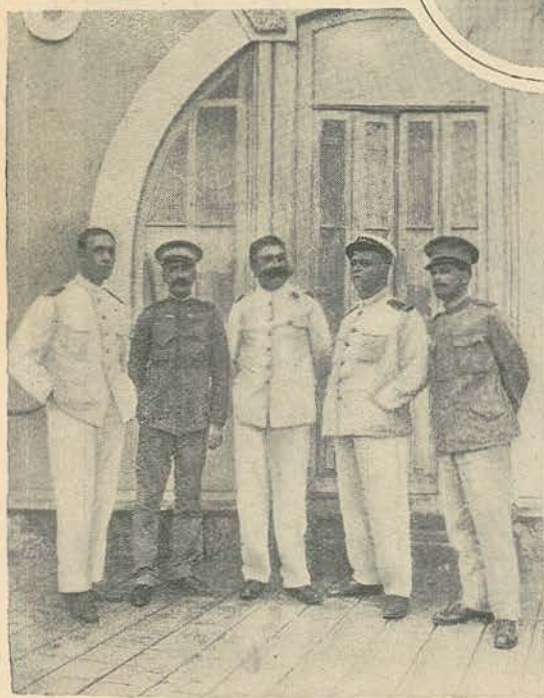


contra os *papeis*, que desde longa data vinham causando graves prejuízos à nossa soberania.

A lenda de que essa raça era invencível está, felizmente, posta de



peis, que Portugal quer restabelecer ali a obediência às suas autoridades, o que fará, custe o que custar.



1. Salva de artilharia dada na fortaleza de Bissau. O edifício ao fundo é do comando militar.—2. O sr. capitão Teixeira Pinto, que comandou a coluna de operações contra os *papeis* e *grumetes* e mais revoltados da ilha de Bissau.—3. Os oficiais que fizeram parte da coluna. Da esquerda para a direita, os srs.: segundo tenente de marinha Queimado de Sousa, capitão médico R. Augusto Regala, capitão de infantaria Teixeira Pinto, segundo tenente de marinha José Francisco Monteiro, tenente de infantaria Henrique de Sousa Guerra.

4. O tenente de segunda linha, regulo Madul-N'djou, comandante dos irregulares da campanha de Bissau.



Em honra dos aliados. — Um aspecto do teatro de S. Carlos, onde se realizou um esplêndido banquete a que assistiram algumas centenas de pessoas a fim de se saudarem os aliados pela sua obra civilisadora contra a Alemanha. — (Cliché Benoliel).



VILANCETE

*Sonhos de amor são castelos,
Lindos castelos no ar
Que o mundo vem derrubar.*

VOLTAS

*Com que ternura os constroe
A gente, sempre supondo,
Que as pedras que vamos pondo
O tempo nunca as destroe.
Mas como a alma nos doe,
Quando aos castelos no ar
O mundo os vem derrubar!*

*São tão fracos como a espuma
Os nossos lindos castelos!
Breve deixamos de vê-los.
Vão-se as pedras, uma a uma,
Até não restar nenhuma.
Pobres castelos no ar
Que o mundo vem derrubar!*

JOSÉ COELHO DA CUNHA.

(Do formoso livro *Vilancetes* que acaba de ser publicado).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Realisaram-se as previsões dos aliados.

Por motivos de ordem estratégica as suas tropas que operam nos Balkans retiraram-se para Salonica, onde estão recebendo novos reforços. Ao mesmo tempo tratam afanosamente da defeza da cidade, para o que as tropas gregas a evacuaram, conforme o tratado entre o governo helenico e os governos inglez e francez.

Dizia-se mesmo que as tropas gregas desmobilisariam para se tornar ainda mais livre e independente a ação militar dos aliados. Não se confirma, porém, esta noticia. Tanto assim que um dos corpos do exercito grego que estava em Salonica, o quinto, foi ocupar Lahama e Negrita a 56 kilometros ao nordeste da cidade e o terceiro as posições ao sul das bocas do Vardar.

Ainda está bem na memoria de todos como na ultima guerra os bulgaros se mostraram ambiciosos e apaixonados de lutar, investindo cegamente para onde lhes dá. Se até ago-



ra ainda não tiverem entrado na fronteira grega, não lhes faltam propositos de a invadir. Não se explicava, pois, a desmobilisação do exercito grego diante d'esta perspectiva; mesmo porque ela, longe de contrariar o esäipulado na *entente* entre os tres governos quanto a deixar livre o campo de operações aos exercitos franco inglezes, podia n'um dado momento fazer enorme falta. Para combater a investida dos bulgaros e quem sabe se atraz d'ela a dos austro-alemaes torna-se necessario ter a postos todos os elementos possiveis de resistencia. O exercito do rei Fernando está morto por aproveitar o ensejo de se desferrar dos seus insucessos de 1913 e os alemaes acenam-lhe com as mais tentadoras compensações.

A suprema tentativa que eles fizeram para envolver as forças aliadas, se tivesse dado o resultado que felizmente não deu por estas manobrem com uma perfeição e rapidez admiraveis, traria como



1. O general Castelnau, novo comandante dos exercitos do Norte e Este, em substituição do general Joffre, que foi nomeado general em chefe do exercito francez.—(Cliché Branger).—2. **Lyon**.—Fabricação de obuzes. Constituição de ilotes.—(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á *Ilustração Portuguesa*).



Lord Kitchener, ministro da guerra inglez, na sua viagem para Salonica desembarcou em Seddul-Bar, onde passa revista ás tropas, acompanhado do general Broulard, comandante das forças expedicionarias nos Dardanelos.

(Cliché Excelsior).

consequencias imediatas a occupação na fronteira grega de umas terras que desde então a Bulgaria vem cubiçando. Mas as forças de Todoroff e de Galvitz, desanimadas com este insucesso, não proseguiram o seu avanço sobre a Grecia, limitando-se a anunciar aos quatro ventos que tinham feito numerosos prisioneiros, o que está reconhecido como falso. A verdade é que eles não avançaram porque viram que não podiam evitar a junção dos exercitos aliados com os elementos do exercito servio que defendia Monastir e que ainda são importantes. A junção está efetivada e nas melhores condições possiveis, e o novo nucleo de forças espera com confiança a investida de bulgaros e alemães.

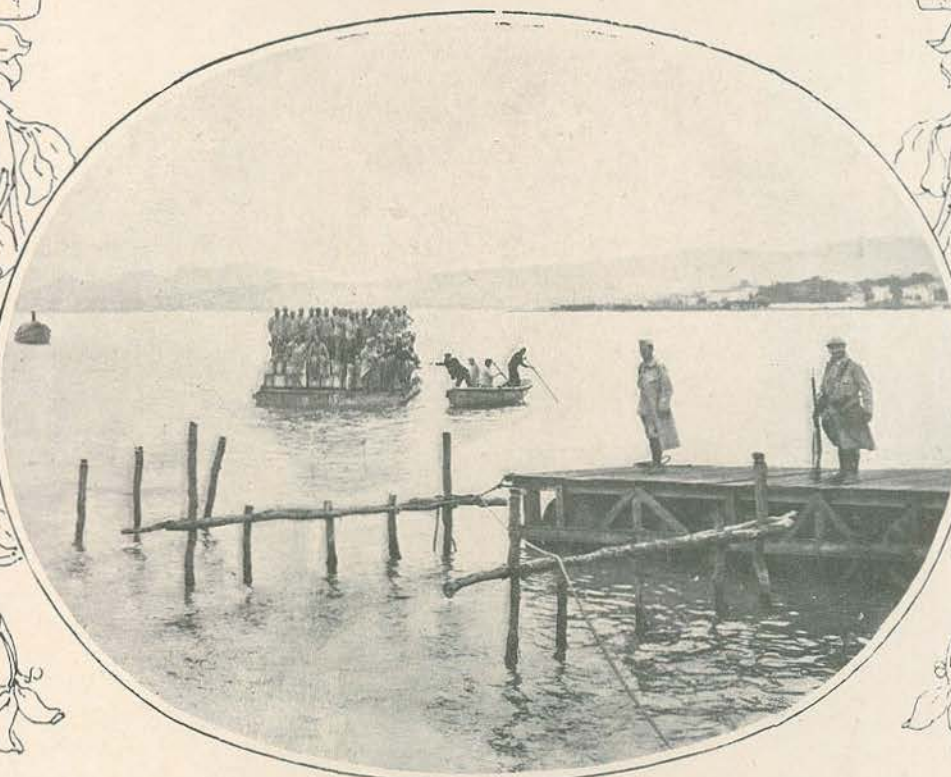


Sentinelas servias á entrada de uma aldeia

(Cliché Excelsior).



O canhão francez de 220, fazendo fogo contra o inimigo



Desembarque do pessoal francez de aeronautica e do respetivo material em Salonica

(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração Portuguesa*).



Um balão cativo francez, no momento de se elevar para realizar uma observação
(Da *The Illustrated London News*).



Lord Kitchener e o general Porro saindo da embaixada britânica em Roma

Lord Kitchener, o ilustre estadista inglês, tem sido de uma atividade e de uma tática admiráveis em tornar cada vez mais homogênea e vi-

gorosa a ação comum nos aliados. Um dos seus maiores triunfos diplomáticos é sem dúvida a atitude que a Itália tomou em face da questão balcânica.



Oficiais turcos comandantes da missão otomana á Tripolitana capturados pelos aliados no Mar Egeu



Soldados pertencentes á missão turca na Tripolitana presos pelos aliados

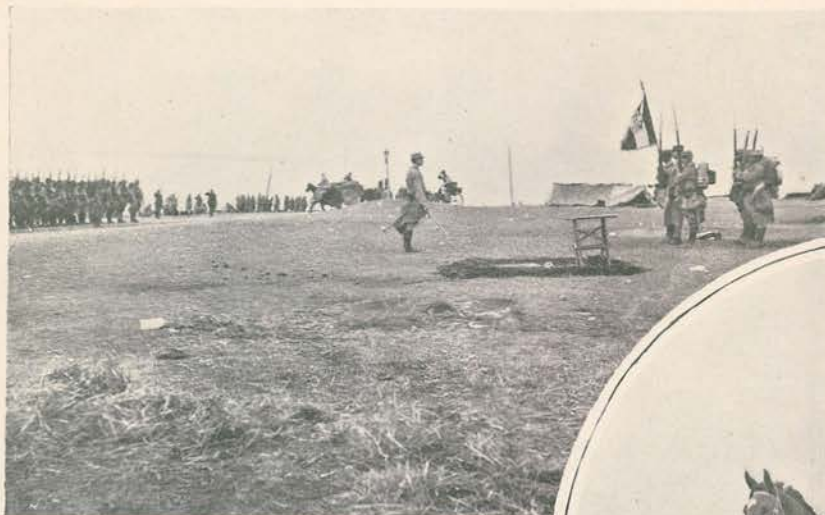
(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á *Ilustração Portuguesa*).



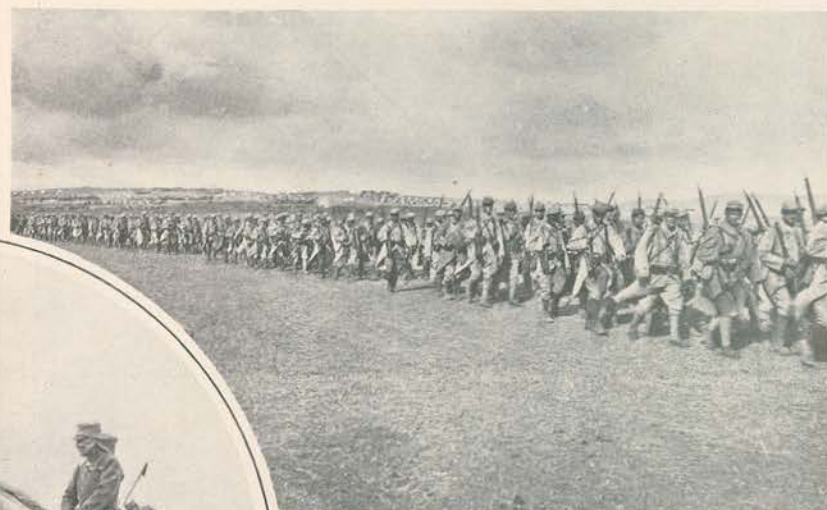
O rei da Inglaterra e o principe de Gales em França depois de terem passado revista às tropas aliadas.

(Cliché da secção fotografica do exercito francez cedido á *Ilustração Portuguesa*).

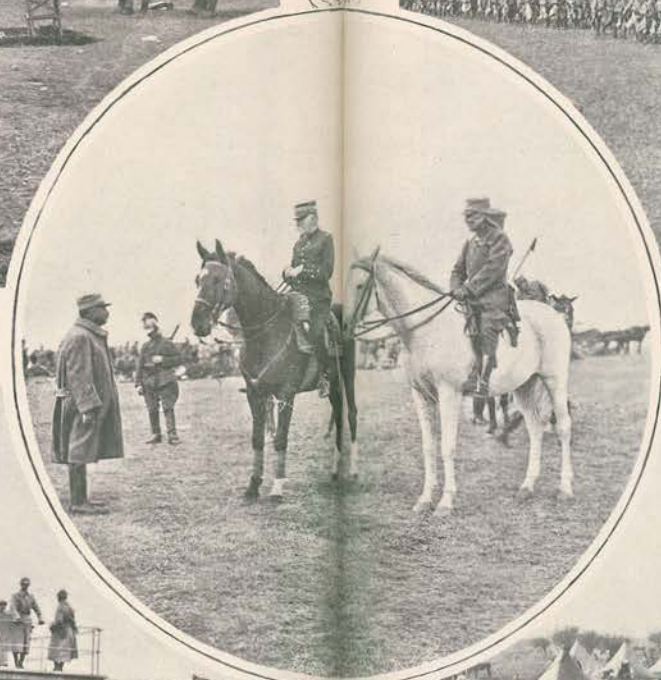
OS ALIADOS EM SALONICA



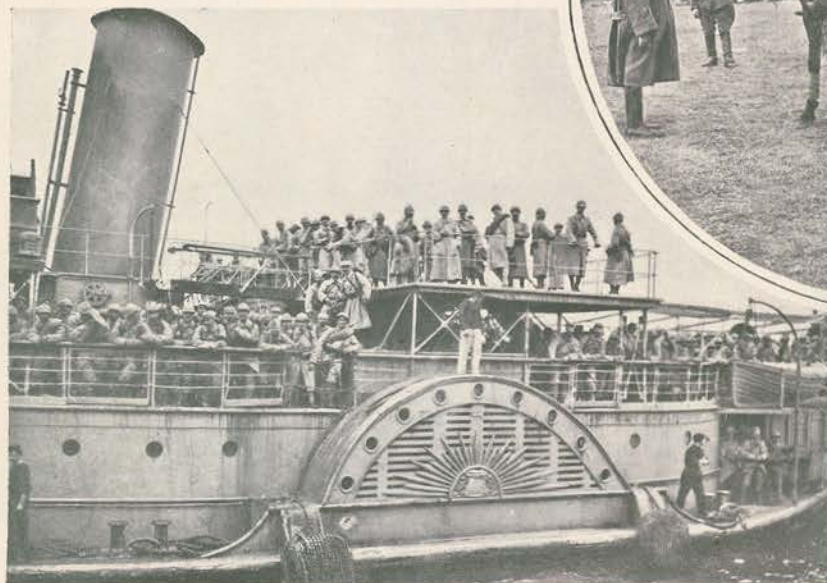
Apresentação da bandeira a um regimento de infantaria franceza



Partida de tropas francezas para a Servia



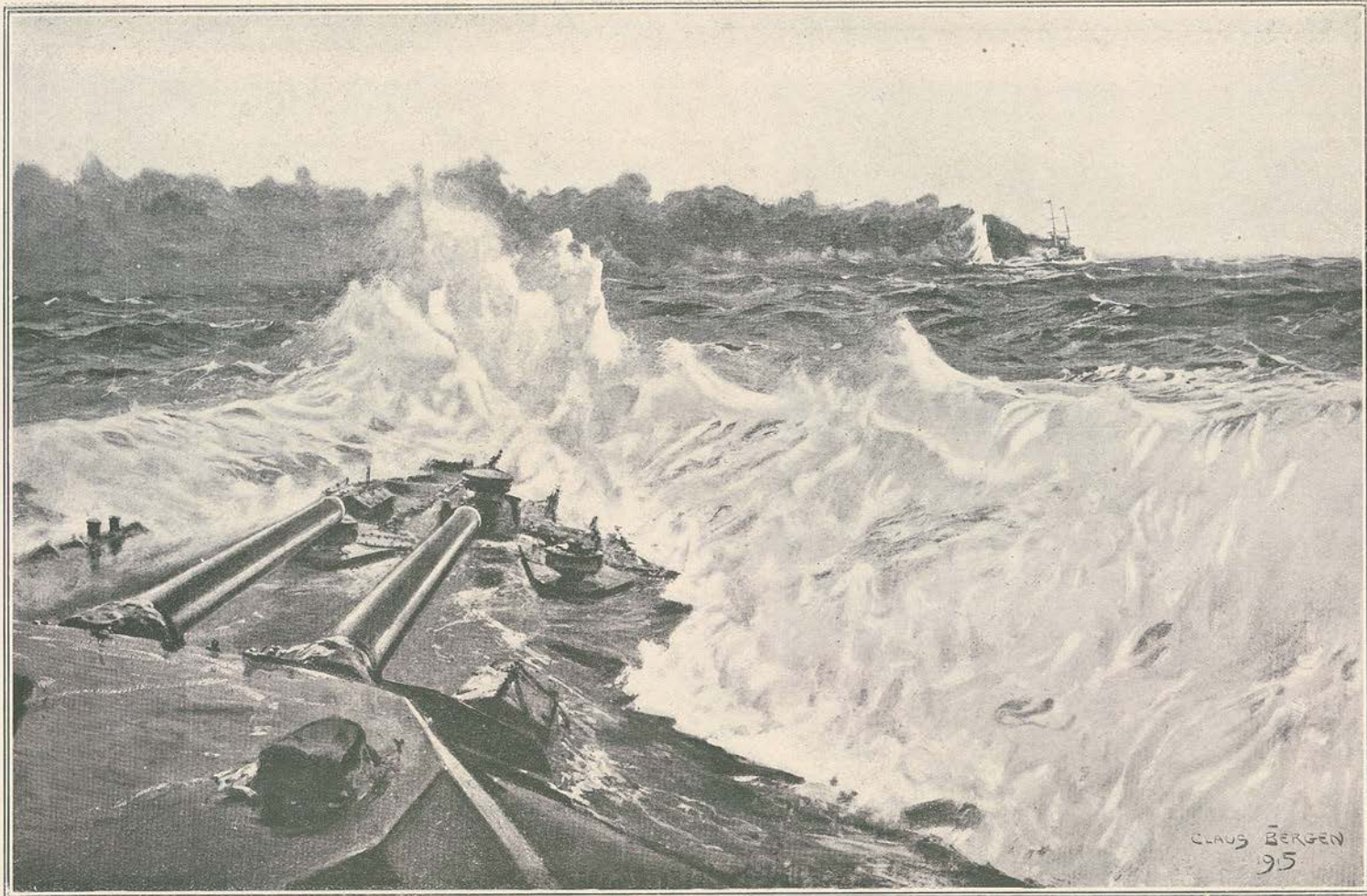
O general Sarrail com as tropas



Chegada de tropas francezas a Salonica a bordo de um pequeno vapor capturado aos alemães



Um acampamento de infantaria nos arredores de Salonica
(Clichés da secção fotografica do exercito francez, cedidos á Ilustração Portuguesa).



CLAUS BERGEN
95

Fogo violento de um cruzador sobre um navio inimigo



Aspeto d'um campo de batalha na Champagne

(Cliché Excelsior)



O almirante Lacaze, ministro da marinha franceza, passando revista a um importante destacamento de marinheiros vindo do Norte da frente da batalha, felicita os officiaes e as suas praças pela gloria que alcançaram nos campos de batalha.

(Cliché Excelsior).



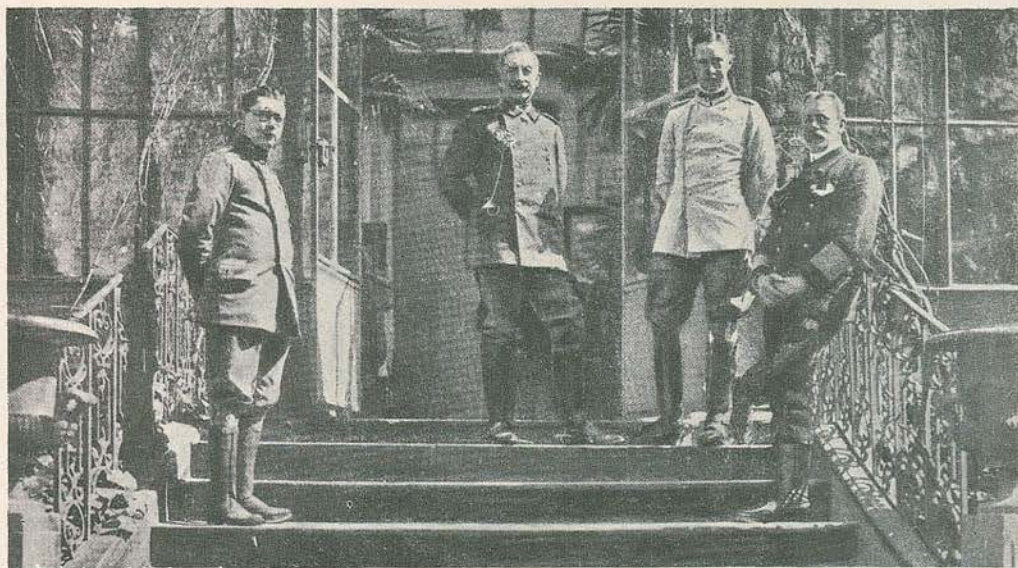
Como os prisioneiros alemães passam estes dias de festa em França
(Cliché da secção fotografica do exercito francez, cedido á *Ilustração Portuguesa*)



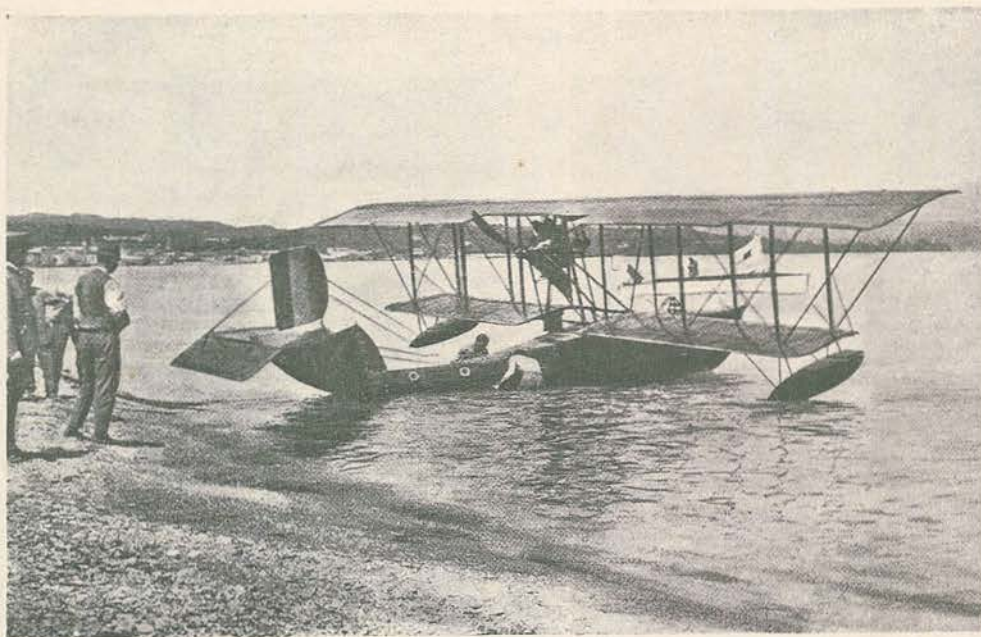
O rei Fernando da Bulgária falando com o duque Adolfo Frederico em Mecklemburg.



Uma estação telegráfica á prova de bombas em Neuvechappelle.



O kaiser com o kronprinz e o príncipe Henrique da Prússia, á esquerda, e o príncipe Waldemar da Prússia, filho do príncipe Henrique, á direita.



Um hidroaeroplano italiano no lago de Garda



Revista passada aos soldados francezes com os novos capacetes que substituiram o kepi

(Cliché Excelsior).



LEOPARDOS!

O tempo está entroviscado.

(The Sketch).

UM RAPAZ ESPERTO

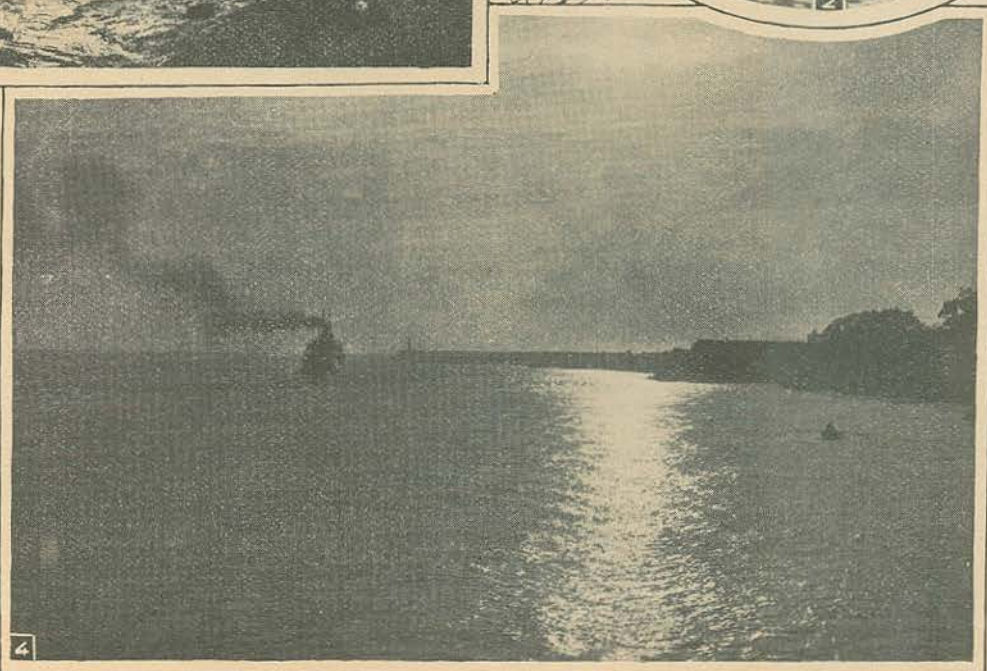
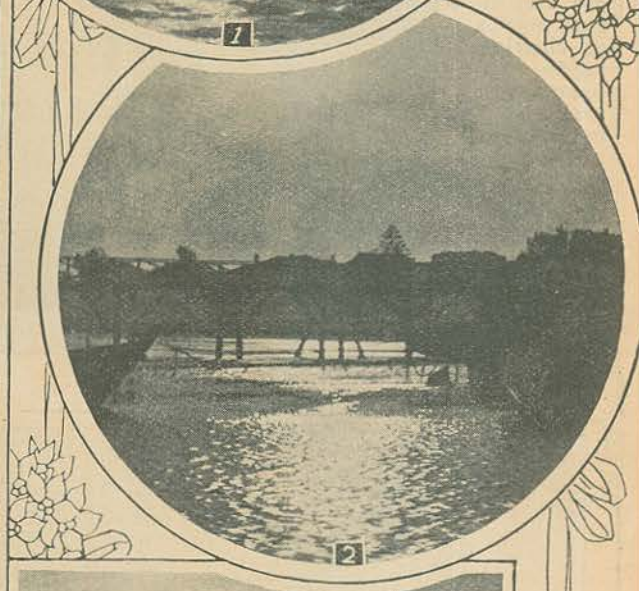
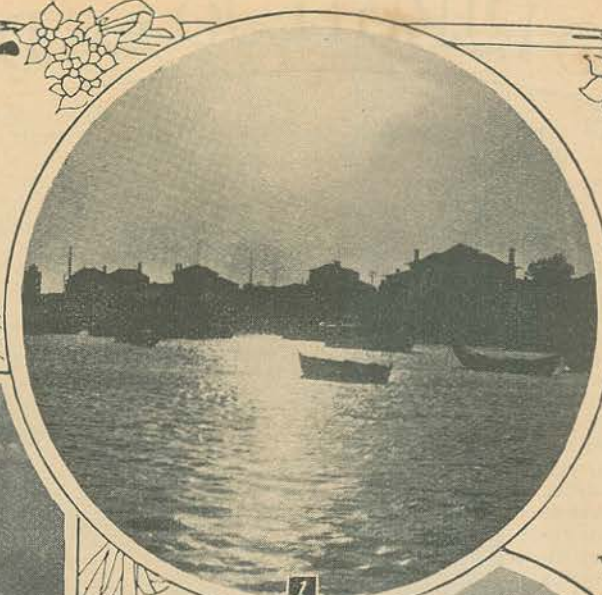


O oficial :—Então, vossê quer alistar-se em cavalaria ? Que pratica tem vossê de cavalos ?

O recruta :—Ora, meu oficial, já ganhei duas vezes em apostas nas corridas !...

(The Bystander).

Ao pôr do Sol



Fotografias oferecidas à *Ilustração Portuguesa* pelo distinto amador fotográfico do Porto sr. Braz Ferreira Coelho

O RIBATEJO EM DEZEMBRO

Domingos Alvão, o distintíssimo paisagista portuense que tenho a honra de contar no numero dos meus amigos, vem dando, a miude, aos leitores da *Ilustração* em clichés d'uma flagrantemente beleza, alguns dos aspetos mais curiosos das nossas belas regiões do Minho e Douro, esses pedaços de Portugal onde, dia a dia, se descobrem novos encantos, na variedade da sua paisagem, na musica dos seus rios, no rosto das suas moças de formosura quasi lendaria.

Oferecendo aqui, por minha vez, alguns aspetos da uberrima região ribatejana onde nasci e passo meus dias, não pretendo imitar o apreciado artista, na incontestavel beleza dos seus trabalhos, na costuma da harmonia das suas telas —

porque são verdadeiros quadros o que o reputado fotografo nos apresenta — mas tão sómente concorrer, na medida dos meus recursos, para tornar conhecido em Portugal e no estrangeiro o que de mais pitoresco e interessante se me vae deparando nos campos do Ribatejo, cujos belos aspetos e costumes teem tentado os nossos artistas de merito incontestavel e aonde o

falecido escritor Salvador Marques veio buscar o assunto do seu drama *Os campinos*, tão justamente apreciado pelas plateias portuguezas.



Tempestade iminente

E' nos primeiros dias do outono, na suavidade das suas tardes douradas de sol, que a paisagem d'estes logares toma a meus olhos um aspeto de magica beleza.



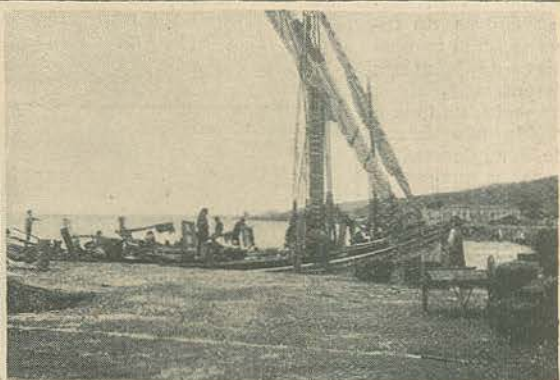
A «Boca do Vau», perto de Benavente



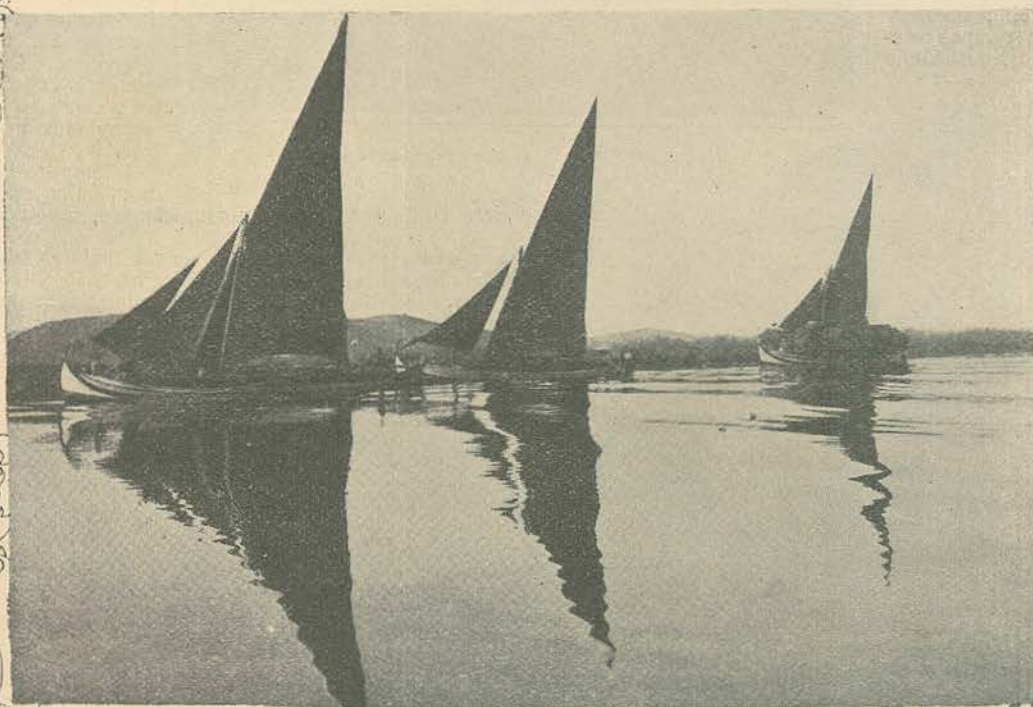
Lavadeiras no Tejo



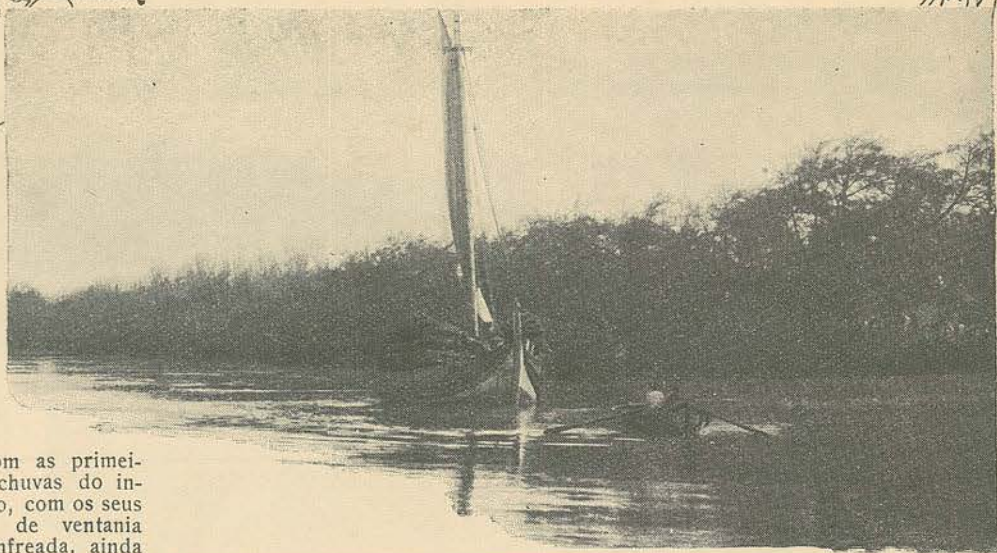
Uma granja prestes a ser inundada pelo Tejo



Barcos de pescaria



Dia de calma



Com as primeiras chuvas do inverno, com os seus dias de ventania desenfreada, ainda o aspeto de toda a região não deixou de ser interessante para os que sabem compreender os encantos da Natureza nas suas multiplas manifestações.

Se o tempo vae tormentoso, se os dias de temporal se sucedem com uma persistencia aterradora, correm as levadas com estranho fragor, e o Tejo, batido pelo vento, não tarda em sair do seu leito, inundando os campos e povoados, destruindo



Um trecho das lezírias

No canal de Azambuja

searas e haveres, levando a fome e o infortunio a muitos lares onde o pão escasseia logo que os trabalhos paralisam.

Foi o que aconteceu nos anos calamitosos de 1876, 1895, 1905, 1909 e 1911.

Este ano, após alguns dias de chuva constante, ainda se inundaram os campos de Santarem, Chamusca, Valada, etc., causando o facto, como sempre, acentuados prejuizos.

O temporal amainou, emfim, e pouco

depois o sol, irradiando por sobre os nossos campos, a todos illuminava n'uma grande alvorada de luz.

Que a tormenta da invernía nos poupe agora a maiores desgraças, n'esta hora de tamanhas angustias para todos os povos da Europa, assolados, na sua maioria, pelo maior cataclismo de todos os tempos.

Dezembro de 1915.

Faustino dos Reis Sousa



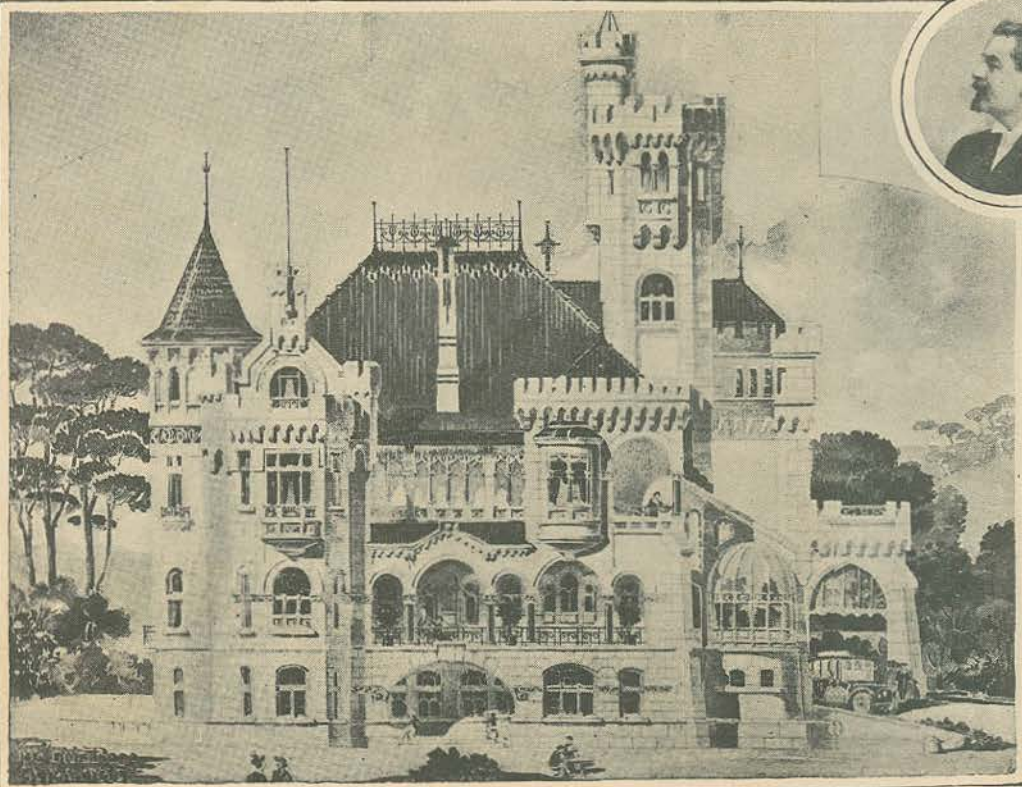
Margens do Tejo —(Clichés do autor).

FIGURAS E FACTOS

FOTOGRAFIA ARTISTICA



Menina Gina, interessante neta da sr.^a D. Virginia Silva e do sr. João Narciso da Silva, proprietários do Hotel Francfort, de Lisboa.—(Cliché do distinto fotógrafo amador sr. Henrique Pinto Sá).



2. Projeto do palácio do sr. João Ferreira Rego, abastado proprietário em Palmeiro (Braga). A sua construção está orçada em 390 contos, importando só a obra de pedreiro em mais de 70 contos.—No medalhão o arquiteto sr. Ernesto Korrodi, diretor e professor da Escola Industrial de Leiria, autor do projeto do palácio



1. O sr. Alvaro Herculano da Cunha, capitão-tenente da armada, falecido ha dias em Lisboa. Assentou praça em outubro de 1881 e exerceu varias commissões de serviço no continente, ilhas e colonias, tendo duas condecorações militares, sendo uma de comportamento exemplar. O bruto militar era filho do falecido general de divisão Francisco Maria da Cunha, e tio do heroico tenente de cavalaria Francisco Xavier da Cunha Aragão.

2. O sr. dr. Augusto Gonçalves de Freitas, juiz de direito, tendo servido entre outras comarcas, nas de Odeira e Bragança. Era natural da Madeira, e contava 62 anos quando faleceu. No seu funeral, que se realizou em Lisboa, incorporaram-se pessoas da melhor sociedade. Era sogro dos srs. drs. Ricardo Vera Cruz e Fernando Carlos Gonçalves. Magistrado imparcial e correto, conseguiu sempre as sympathias de todos.

3. O sr. D. Luiz E. de Chapeaurouge, consul geral da Republica Argentina em Lisboa, onde faleceu recentemente. Ha quatro anos que estava n'esta capital onde era muito estimado por todas as pessoas com quem convivia e por todo o pessoal do consulado. Tinha 69 anos. Durante a sua longa carreira consular percorreu varios paizes, deixando em todos elles verdadeiras sympathias pelo seu caracter franco e leal.

4. O sr. Isidoro Augusto Sá e Santos Grilo, um dos homens mais intelligentes e ativos do nosso meio commercial, em que gozava de grande consideração e geraes sympathias. Faleceu em Lisboa. Era esposo da sr.ª D. Maria Carlota de Brito e Santos Grilo, pae do distinto estudante sr. Luiz de Sá e Santos Grilo, primo e socio do sr. Artur Sá, illustre funcionario superior do Conselho Superior da Administração Financeira do Estado.

5. O sr. dr. Joaquim de Magalhães Ferreira, falecido em Braga. Era medico formado pela Escola Medica do Porto, exercendo sempre a clinica na sua terra natal, onde faleceu vitimado pela tuberculose que ha seis mezes o acometiera. O extinto era muito estimado pelos seus dotes pessoais. Contava 55 anos. Militou no antigo partido progressista e depois na guarda nova do mesmo partido, estando atualmente afastado da politica.



6. O sr. Joaquim Pedro dos Santos, muito conhecido no meio theatral, pois era um dos mais habeis carpinteiros de cena. Faleceu em Lisboa, vitimado por um tetano. — 7. O sr. José Pereira Rodrigues, pharmaceutico, falecido em Lisboa. Era natural de Leiria. — 8. O sr. dr. Antonio Nicolau Guimarães Paes do Amaral, fiel da estação dos correios de Coimbra, onde faleceu. — 9. O sr. Joaquim Pedro Raimundo, ajudante de notario em Tavira, cidade onde faleceu. — 10. O sr. Alfredo Miguel Ferreira, escrivão de paz e primo dos srs. dr. Campos Lima e Emilio Lima, nossos colegas do *Seculo*. — 11. O sr. José Graça Fernandes, antigo corista de theatros em Lisboa, falecido no Rio de Janeiro. Estava no teatro de S. José.

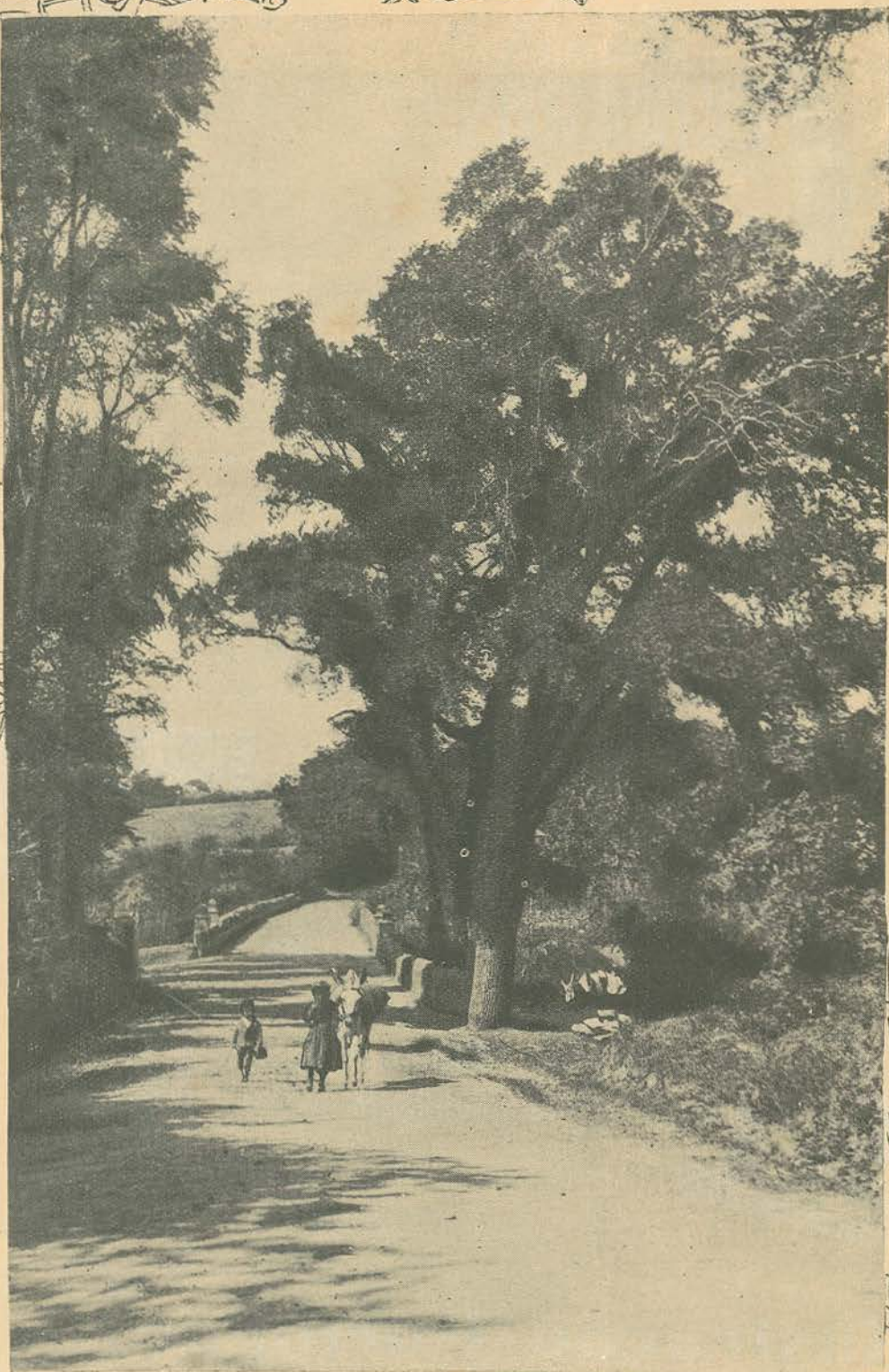


Conferencia patriótica.—12. O sr. dr. João de Barros, lendo a sua conferencia a bordo do *Vasco da Gama*.—13. Grupo tirado a bordo do *Vasco da Gama* no qual se vêem os srs. dr. Bernardino Machado, presidente da Republica; dr. Afonso Costa, presidente do governo; Leote do Rego, comandante da divisão naval; Vitor Hugo de Azevedo Coutinho, dr. João de Barros e outras pessoas de destaque que assistiram á conferencia d'este ultimo senhor.—(Clichés Benoliel)



"OS ULTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS"

(Desenho de Rochegrosse).



A caminho da fazenda

Fotografia artística do sr. Alfredo Pinto (Sacavem)

**PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD**
Sem Opio nem Morphina.
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.
35 Anos de Bom Exitto. Medalhas Ouros e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ie}
8, Rue Dombasle, 8
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Socied. anónima
respons. limitada

Ações	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção	246.000\$000
Reis	500.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marlanala e Sobrelinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papéis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS

LISBOA—270, Rua da Princeza, 276

PORTO—49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico: Lis-
boa, 005—Porto, 117.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS

AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre—PARIS

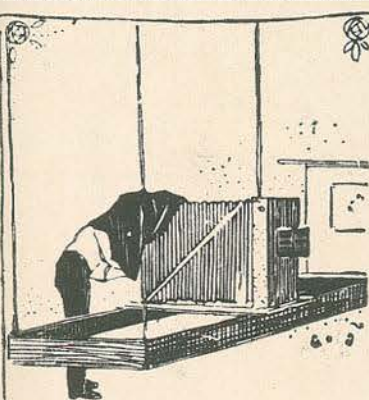
TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



Trabalhos de Zincogravura,
Fotogravura, Siereotipia, Im-
pressão e Composição

Fazem-se nas

OFICINAS

DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes por preços modicos e com inexcédido perfeição.

Zincogravura e Fotogravura em zinhos simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nikelado. Em cobre, a cores, pelo mais recente processo — o de tricromia. Para jornaes com tramas especiaes para este genero de trabalhos.

Stereotipia de toda a especie de composição. Im-
pressão e composição de todo o genero de revistas,
catalogos, illustrações e jornaes diários da tarde ou da
noite. Impressão a ouro, prata, relevo, etc., etc.

RUA DO SÉCULO, 43 — Lisboa

Moreira Gomes & C.^a

COMERCIANTES e BANQUEIROS

RUA 15 DE NOVEMBRO, 7, 7-A
PARÁ (BRAZIL)

Caixa postal, 22 — Telegramas MATTA

SECÇÃO BANCARIA



Saca, emite cartas de credito e ordens telegraficas sobre as principaes praças do paiz e do estrangeiro.

Compra e vende moedas de todos os paizes.

Efetua cobrança de letras ou quaesquer outros titulos nas praças de Manaos, Pará, Maranhão e Ceará, fazendo remessa do produto pela primeira mala após o recebimento.

Compra e vende por conta propria ou alheia, titulos e coupons da divida publica interna ou externa, federal, estadual ou municipal, e ações de bancos e companhias e toma a seu cargo a cobrança de juros e dividendos d'esses titulos.

Encarrega-se da compra, venda e administração de imoveis situados na cidade de Belem.

Comissões modicas

Operações bancarias em geral